
Reflexões inovadoras e necessárias para o campo da Comunicação Midiática. Essa continua sendo a missão da Revista Comunicação Midiática no terceiro número de 2016. A qualidade nas discussões alinha-se à seriedade metodológica das pesquisadoras e dos pesquisadores que assinam os artigos aqui presentes.

O compromisso com a ética na produção científica segue balizando a seleção dos trabalhos da revista publicados nas três seções: Cultura e Mídia, Linguagens Midiáticas e Políticas da Comunicação. A ética e o trabalho dedicado também estão presentes na discussão que traz a resenha sobre o livro *Ato Presencial* de Cremilda Medina, assinado por Marcos Antônio Zibordi. A entrevista com o professor Adjunto Murilo César Ramos, professor aposentado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e fundador e pesquisador do Laboratório de Políticas de Comunicação (LaPCom) e o artigo do professor adjunto César Bolaño, professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe, também dialogam com a importância de se debruçar na pesquisa com comprometimento.

Em “Por uma nova teoria de mediação social”, César Bolaño apresenta um desafio aos estudiosos de comunicação na América Latina: a construção de uma teoria da mediação de maneira coletiva e interdisciplinar. Segundo Bolaño, para pensar a comunicação no cenário próprio latino-americano é necessário discutir seu campo epistemológico considerando as transformações do capitalismo na última década. Como autor fundamental na base de sua reflexão está Jesús Martín-Barbero, sobretudo seus trabalhos dos anos 1970 e 1980.

Na **entrevista** com o professor Murilo César Ramos, fundador e pesquisador do Laboratório de Políticas de Comunicação (LapCom), estão as indicações sobre a importância da manutenção dos serviços públicos de radiodifusão no Brasil e os novos temas de pesquisa sobre o futuro da televisão.

A seção **Cultura e Mídia** traz sete artigos. No primeiro deles, “A consciência socialista possível: uma análise de notícias veiculadas pela Telesur nos primeiros meses do governo de José Mujica”, a autora Gláucia da Silva Mendes Moraes mostra como as notícias da emissora em análise indicam o discurso de Mujica afastado da noção de luta de classe, idealizado em sua campanha eleitoral, e próximo do ideal socialista de distribuição social da riqueza com valores do capitalismo.

Paula de Souza Paes assina o artigo “Jornalistas franceses diante de um problema de violência urbana: competências e técnicas interiorizadas”. Ao identificar, por meio de entrevistas, que a questão da violência urbana no país é interpretado pelos jornalistas como um problema relacionado aos jovens franceses descendentes de imigrantes, a pesquisadora lança a hipótese de que a interpretação das notícias está baseada nas concepções dos jornalistas e nas interdependências que estabelecem com seus interlocutores.

No artigo “O sindicato cidadão nas páginas da imprensa sindical”, Rozinaldo Antonio Miani explica que os sindicatos foram abandonando as práticas mais combativas e deixaram emergir o discurso sobre a conquista de direitos corporativos e de cidadania. O autor analisa como se dá a implantação do chamado “sindicalismo cidadão” nas produções comunicativas do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Em “Do sucesso à subversão do imaginário científico-tecnológico em filmes e séries”, Sílvio Antonio Luiz Anaz investiga a dinâmica de formação e consolidação do imaginário científico-tecnológico na produção audiovisual mainstream contemporânea, com base nos conceitos sobre o imaginário desenvolvidos por Gibert Durand.

As pesquisadoras Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello e Carolina Teixeira Weber Dall’Agnese, que assinam o artigo “Estratégias de visibilidade e legitimação institucional na produção jornalística hipermídia”, apresentam a reflexão da pesquisa em cinco seções. Nas primeiras quatro, as perspectivas de midiaticização e produção do gênero grande reportagem multimídia (GRM) conduzem à última seção que analisa uma GRM do *The Guardian* para ilustrar o debate por meio da identificação das estratégias do periódico.

Marina Caminha, que assina o artigo “Geração Juvenil 80: Alguém Me Dê Um Toque, O Que quer dizer”, apresenta como proposta a discussão sobre a estrutura de sentimentos imaginada no Brasil dos anos 1980. Para isso a autora identifica o discurso residual dos anos 1960 nos discursos juvenis produzidos pelo Rock Brasileiro anos 80.

O último artigo da seção Cultura e Mídia, “Uma visão sobre o espetáculo da política: comunicação e transformações marcárias de políticos e partidos”, é assinado por Aryovaldo de Castro Azevedo Junior e por Hertz Wendel de Camargo que identificam, por meio de pesquisa documental, como a midiaticização e a espetacularização são utilizadas como ferramentas para a construção marcária de partidos.

A seção **Linguagens Midiáticas** conta com três artigos. Ana Paula Oliveira e Vitória Reis assinam “Somos todos atores: encenação e verdade recriada em Moscou de Eduardo Coutinho”. Nele, as autoras observam de que forma a encenação e a verdade são apresentadas no filme do documentarista. Ao se aproximar da linguagem teatral, Coutinho traz à tona uma verdade encenada e indica, segundo as pesquisadoras, que o real sempre vai ficar em função da interpretação de cada espectador que assiste ao filme.

Em “Construtivismo e contraestereotípico na comunicação publicitária: distinções, articulações e complementariedades discursivas”, Francisco Leite discute e elucida tais conceitos-chave da comunicação publicitária de modo a fazer uma organização conceitual. Para o autor, esclarecer as distinções, articulações e complementariedades desses conceitos é necessário para demonstrar as potencialidades discursivas de ambos os conceitos.

No terceiro e último artigo da seção, Lirian Sifuentes assina o artigo “Modos de ver e de viver: consumo de telenovela por ‘batalhadoras’”. O objetivo da autora é compreender de que forma o *habitus* e o capital cultural, conceitos de Bourdieu, impactam nas leituras que mulheres “batalhadoras” fazem das telenovelas. A pesquisa empírica foi feita por 10 meses com mulheres com idades entre 27 e 35 anos e que são assíduas telespectadoras de telenovelas.

A seção **Políticas de Comunicação** conta com três artigos. No primeiro deles, “Mercado da Música em Sergipe: Estado, capitais e Indústria Cultural”, Verlane Aragão

Santos e Demétrio Rodrigues Varjão problematizam, ao propor um modelo analítico alternativo, as condições para a viabilidade econômica e simbólica da música sergipana, considerado especificamente o segmento de música ao vivo.

Em “Televisión para niños y niñas en Argentina. Un estudio exploratorio”, Carolina Duek e Yamila Heram apresentam três objetivos: identificar o lugar dos programas para meninos e meninas na programação dos canais de televisão, estabelecer uma taxonomia do tipo de programa para meninos e meninas e analisar dois programas da televisão argentina. A hipótese primeira das autoras é que os programas para crianças ocupam um lugar marginal na programação.

Cristina Gonzalez Oñate assina o artigo “El E-Commerce en España y la estrategia de marca online”. A autora, considerando as estratégias das marcas para venda de seus produtos e serviços, analisa o principal *app* utilizado para compras *on-line* na Espanha. O objetivo é compreender os principais hábitos de consumo dos usuários espanhóis.

Finalmente, em “De los Estudios Ardmore al Irish Film Board y vuelta a empezar. La industria fílmica irlandesa (1967-1987)”, Carlos Menéndez-Otero estuda a indústria cinematográfica irlandesa, especialmente o longo processo de gestação do chamado Irish Film Board (IFB). Está sob análise também como os cineastas assumiram o controle e reorientaram a política de subsídios do IFB para projetos não comerciais que levaram ao seu fechamento em 1987.

Na **resenha**, que encerra esta edição, Marcos Antônio Zibordi, analisa o livro de Cremilda Medina, “*Ato presencial: mistério e transformação* (2016)”. Com o título “Para Cremilda Medina, comunicação efetiva é comunicação afetiva”, Zibordi fala sobre a necessidade de estar afetos aos dramas contemporâneos para narrar o que se coloca diante do repórter. É preciso que o narrador jornalístico seja um leitor cultural de seu tempo. A obra de Cremilda mostra a importância do ato presencial num mundo tomado pela virtualidade. Zibordi destaca isso como o grande valor da obra.

Boa leitura!

Lilian Juliana MARTINS

Editora da seção Linguagens Midiáticas